

Tem caçador no lago do jacaré

MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Desde que foi visto no deck de uma casa no Setor de Mansões do Lago Norte, no último dia 15, o jacaré virou a atração do Lago Paranoá. Com 3,5m de comprimento, o bicho boiou tranquilamente nas proximidades do Dom Francisco, na Associação dos Servidores do Banco Central (Asbac), na última segunda-feira, e assustou os frequentadores do restaurante. A Polícia Militar Ambiental e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) se mobilizaram para tentar capturar a nova estrela e dois outros jacarés-açu — típicos da Amazônia, provavelmente deixados ainda filhotes no lago.

Segundo os técnicos, os três jacarés-açus que vivem no Lago Paranoá devem ser capturados. Mas há quem discorde. A polêmica se espalhou. Com medo, pescadores acostumados a pescar com a água na cintura passaram a jogar os anzóis de terra firme. Outros acham que o animal não oferece risco e continuam a buscar os peixes de dentro da água. Afonso Rocha, 31 anos, morador de São Sebastião, é um dos pescadores que prefere evitar o encontro com o jacaré-açu. Ele trabalha durante a semana na manutenção de motores de barcos, no Paranoá, e desfruta as horas de descanso geralmente nas margens do lago. “Pesco aqui há 10 anos. Não me arrisco mais aí dentro. Até nas margens eu fico de olho agora”, contou o rapaz, enquanto pescava na manhã de ontem, próximo à Ponte do Braghetto, no final da Asa Norte.

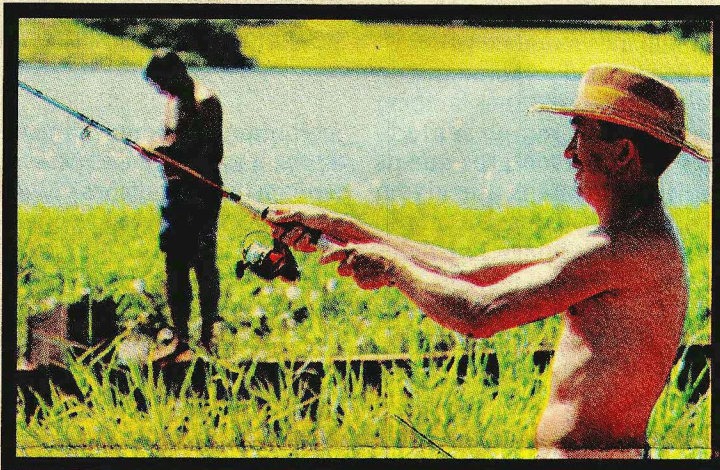
Afonso afirma que há dois meses viu um jacaré nas proximidades do Clube do Exército. “Acredito que o banhista e o pescador é que devem se adaptar com a presença deles. Não acho justo que sejam retirados daqui. Quem quiser tomar banho que vá para a Água Mineral. Lá tem piscinas”, diz o pescador, que defende a permanência da espécie no Lago Paranoá, embora tenha medo.

Para quem acredita que o jacaré não oferece risco, a pescaria continua a mesma. Iago da Silva, 12 anos, que pescava com a família, na manhã de ontem, acha que o jacaré não chegaria perto das pessoas. “Com barulho ele fica assustado. Não tenho medo de ficar aqui. É só ficar de olho na

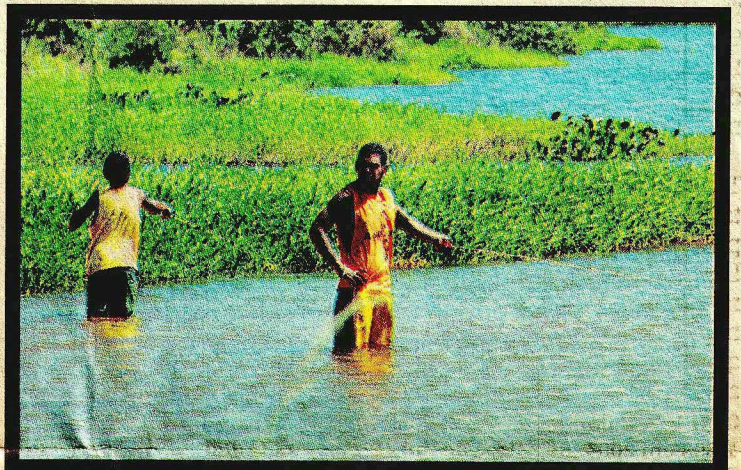
Fotos: Zuleika de Souza/CB



SOLDADOS DA POLÍCIA MILITAR MOSTRAM EQUIPAMENTOS USADOS NA BUSCA AO JACARÉ: O CAMBÃO PERMITE PRENDER O ANIMAL SEM MACHUCÁ-LO



AFONSO (D) NÃO ENTRA NA ÁGUA: “MAS NÃO ACHO JUSTO QUE SEJAM RETIRADOS”



SEM MEDO, EDUARDO PESCA DENTRO D'ÁGUA: “O JACARÉ TEM DE SER RETIRADO”

água, não tem problema”, contou o garoto. Mas o pai de Iago, Eduardo de Oliveira, 34 anos, acredita que retirar o animal do lago é a melhor saída para que todos fiquem em paz. “O jacaré deve ser retirado o mais rápido possível. Nós, que trazemos crianças, ficamos preocupados”, afirma.

Sem trote

Enquanto o jacaré é discutido entre os pescadores e banhistas, a Polícia Militar Ambiental monitora o Lago Paranoá, 24 horas. A equipe já montou uma operação de captura e transporte do animal, que está pronta para ser co-

locada em prática, assim que o bicho aparecer. Trinta policiais se revezam em duas equipes durante o dia e três durante a madrugada. O cambão, uma espécie de aro que permite prender o jacaré sem machucá-lo, é instrumento essencial durante as viagens de busca. Cada equipe é formada por três policiais.

Os moradores e pescadores devem ficar atentos. Os banhistas devem sempre estar acompanhados durante o lazer. E os pescadores não devem tentar capturar o animal. As orientações são da Companhia de Polícia Militar Ambiental (CPMA) e

do Ibama. Na manhã de ontem, por volta das 9h, o Pelotão Lacustre, da CPMA, foi acionado para um chamado. Uma denúncia anônima informou que nas proximidades da ML 7, havia um jacaré. O Pelotão Lacustre foi até o local, mas não encontrou nada. “A população pode nos ajudar muito, com informações sérias. A busca muitas vezes é interrompida por trotes”, alertou o tenente Eymard Vieira Gonçalves, comandante de Policiamento do Pelotão Lacustre.

Segundo o superintendente regional do Ibama no DF, Francisco Palhares, a polêmica do ja-

caré reacende um problema antigo enfrentado pelo instituto, que é a colocação de animais silvestres em locais diferentes de seu habitat. “O meio ambiente é que perde com isso. Desequilíbrio ambiental é um assunto sério. Ressaltamos a importância das pessoas entregarem esses animais ao Ibama, e não depositá-los na natureza”, orienta. As buscas continuarão até que os jacarés sejam encontrados. Amanhã, está prevista uma reunião na superintendência do Ibama-DF para definir as medidas que serão adotadas em relação à presença dos três jacarés-açu no lago.